

GARCIA LORCA

O Dia – 10 de novembro de 1937.

Os últimos telegramas da guerra espanhola trazem-nos uma notícia dolorosa: Frederico Garcia Lorca, poeta e teatrólogo, acaba de ser fuzilado em Granada.

Não há quem não conheça de nome o grande escritor. Vai para dois anos que, escrevendo algo sobre o “Teatro de Pirandello” para um jornal de São Paulo, eu me referia a Garcia Lorca e o seu “Teatro Universitário”, com entusiasmo pouco comum.

Agora, uma notícia como esta, com sabor de tragédia, vem dizer-nos que o grande poeta da Espanha moderna, cheio de mocidade, é varado a balas num muro esburacado de uma das praças de guerra de Granada.

Silenciem os rugidos de ódio, cessem as batalhas, abafem-se nos peitos os rancores políticos – Garcia Lorca está morto.

Perde a humanidade um dos mais altos representantes da inteligência nova. Assassinado pelos seus próprios irmãos de pátria. Reduzido a nada por aquele mesmo povo que o adorava e que lhe deu a glória. Glória efêmera que a paixão pelo poder aniquilou.

Dizem que, estando em San Sebastian, quando ali chegou a novidade do fuzilamento de Garcia Lorca, Manoel de Falla, o pintor da raça, enlouqueceu. Só um homem como Falla poderia avaliar a enormidade da perda, o crime monstruoso que se acabava de praticar contra a humanidade.

Lorca não era um simples cidadão da Espanha: era um homem do mundo. A inteligência não tem pátria. O gênio não tem fronteiras.

Sob aquele mesmo sol da Andalucia, sobre aquela mesma terra que o vira viver, brotou o sangue do inocente. O autor de “Huerta de San Vicente”, o que é mais triste, foi trucidado. Nem a honra de morrer nos campos de batalha lhe coube. Nem o dever de morrer lutando como viver o soube.

Assombrando a Península inteira, fazendo teatro de paz, a sua obra foi como que uma mensagem de amor e de alegria. **Yerma** revela o crítico, o espírito sério, o indivíduo de profundas qualidades psicológicas. **Dona Rosita la soltera e el language de las flores** é o comediante sutil, o bom humor andaluz, o espírito solto de Granada.

Dona Rosita é a solteira provinciana, é o romance incontido das mulheres de toda a Espanha, a alma vibrátil de todo coração feminino espanhol. É a mulher comum e por isso mesmo grande. A mulher que pensa casar e dar filhos para a paz. A comédia também é um drama. Um drama que vivemos diariamente. Um drama nosso como um drama da Espanha. Basta para explicá-lo o entrecho sentimental, o sentimento apurado de renúncia. Aparece silenciosa em pleno fim do século XIX, filha de mãe puritana e ao lado de um tio botânico e darwinista, espiritualizada e perdida pela imaginação. Pálida, cheia de melindres e desmaios, entre dois goles de vinagre, **Dona Rosita** pensa criar filhos para a paz.

Terrível contradição dos tempos! Passa uma geração e eis todo o trabalho das mulheres espanholas, representadas por aquela mãe puritana e por aquele tio darwinista, derrubado à primeira bala que parte da boca de um canhão.

A história, porém, é outra. Como toda história, possui um drama de amor. A espera de **Rosita** pelo noivo não interessa. Preocupa mais é o espírito do tempo. A sucessão alucinante de fatos de ontem até hoje. O que mais vale é o sentimento intensamente humano das obras de Lorca. “Humano até a emoção mais funda e legítima”, como soube escrever Eduardo Blanco-Amor.

Não fora a morte grotesca desse grande amigo dos homens, quiçá não estaríamos cansando o leitor.

Tenho para com Federico Garcia Lorca uma grande dívida. Aqui a deixo saldada com o coração sangrando e o espírito em convulsões, agradecido e penhorado, feliz até, pelos instantes luminosos que me fizeram passar os idílios, os contrastes, os desencontros, as pequeninas tragédias conjugais e íntimas das magníficas peças dos mais genial teatrólogo da Espanha do nosso tempo, esse caracterizador admirável de arquétipos tradicionais, esse homem que se chamou Federico Garcia Lorca.